

# JORNAL EXÉRCITO DE OXALÁ

**DEZEMBRO 2023**

## Nesta Edição:

**Festa das Iabás  
Tupomi 2023**

**Ao fazer uma  
oferenda, pense na  
natureza**

**Egungun**

**Luzia Pinta**

**Sem erva não têm  
Axé**

**Parabéns Escola de  
Curimba Caboclo  
Tupinanbá**

# É HORA DE PAZ

**- Por Ialorixá Elsa Conde**

**Página 02**



# É HORA DE PAZ

- Por Ialorixá Elsa Conde

“Um rei na Índia antiga ficou curioso a respeito do significado da Paz.

Convidou todos os mestres e filósofos das suas terras e pediu esclarecimentos. Cada um desfilou suas teorias, mas o Rei ficou insatisfeito, sem compreender de facto em que consistia a Paz.

Nesse período estava de visita à cidade um professor estrangeiro que havendo tomado conhecimento das inquietações do rei, apresentou-se a ele e disse:

- Fora do vosso reino vive um velho sábio. Ele é tão velho que dificilmente conseguiria chegar até Vossa Majestade. Talvez ele lhe possa responder a vosso anseio.

O rei partiu ao encontro do sábio e, quando chegou à sua casa foi conduzido em silêncio até à cozinha. Lá o velho homem pegou um grão de trigo, que colocou na mão do rei, dizendo:

- A resposta é esta.

O monarca, orgulhoso demais para pedir explicações, levou o grão para o seu palácio e guardou-o numa caixinha de ouro. Todos os dias abria a caixa em busca de algum tipo de resposta. Mas nada acontecia, por mais atentamente que observasse.

- Todos os dias examino o grão de trigo, porém não acho resposta alguma. Por favor explique-me o que está acontecendo.

-Vossa Majestade, se guardar esse grão numa caixa nada acontecerá...talvez apodreça. Entretanto, se permitir que o grão se relacione com outros elementos ar, terra, água- ele poderá germinar, produzir campos de trigo e alimentar muitas pessoas.

Se guardarmos a Paz (o grão) para nos mesmos (a caixa) não obteremos benefícios. Mas se multiplicarmos o seu potencial, partilhando-os com outros, ele pode germinar e alimentar multidões.

E fez-se então, a hora da paz. Os povos calaram-se simultaneamente e ouviram a voz das águas, das montanhas, da natureza, dos animais e nada mais. O ar soprou forte fazendo folhas rodopiarem, ninguém agiu nem falou, ninguém se moveu, e então, a humanidade entrou na imensidão do silêncio e vivenciou a mais perfeita paz. Naquela hora nenhuma arma foi accionada, nenhuma máquina ligada, nenhuma agressão foi cometida, nenhuma sirene soou, nenhum alarme disparou, apenas funcionava o que a vida cuidava e pela primeira vez, a humanidade conheceu a paz.

Minutos antes de terminar, todos estavam armados com uma pequena semente, que ao soar o sinal programado, foram lançados à terra.

Em todo o Mundo a paz foi semeada, na Terra e no coração de cada um.

Somos todos irmãos, somos todos iguais, somos filhos da Terra, do Sol, da Água, e do Ar, somos todos peregrinos por esta Terra, com a mais intensa missão que é promover a Paz.

A hora da Paz, é uma linguagem que há-de vir para ficar e pacificar, que traduz união e igualdade, a fé, a esperança e o amor... esta é a linguagem da Paz, que será falada, sentida, cantada, em todo o planeta terrestre. Escoara pelos confins da alma e expandir-se-á pelo imenso universo.

É a linguagem da Paz que todos conhecerão, que virá de dentro de cada ser para promover a união, até que um só povo, um povo multicolor de mãos dadas dançará entoando a mais bela canção, todos com uma só voz, unidos em nome da PAZ.





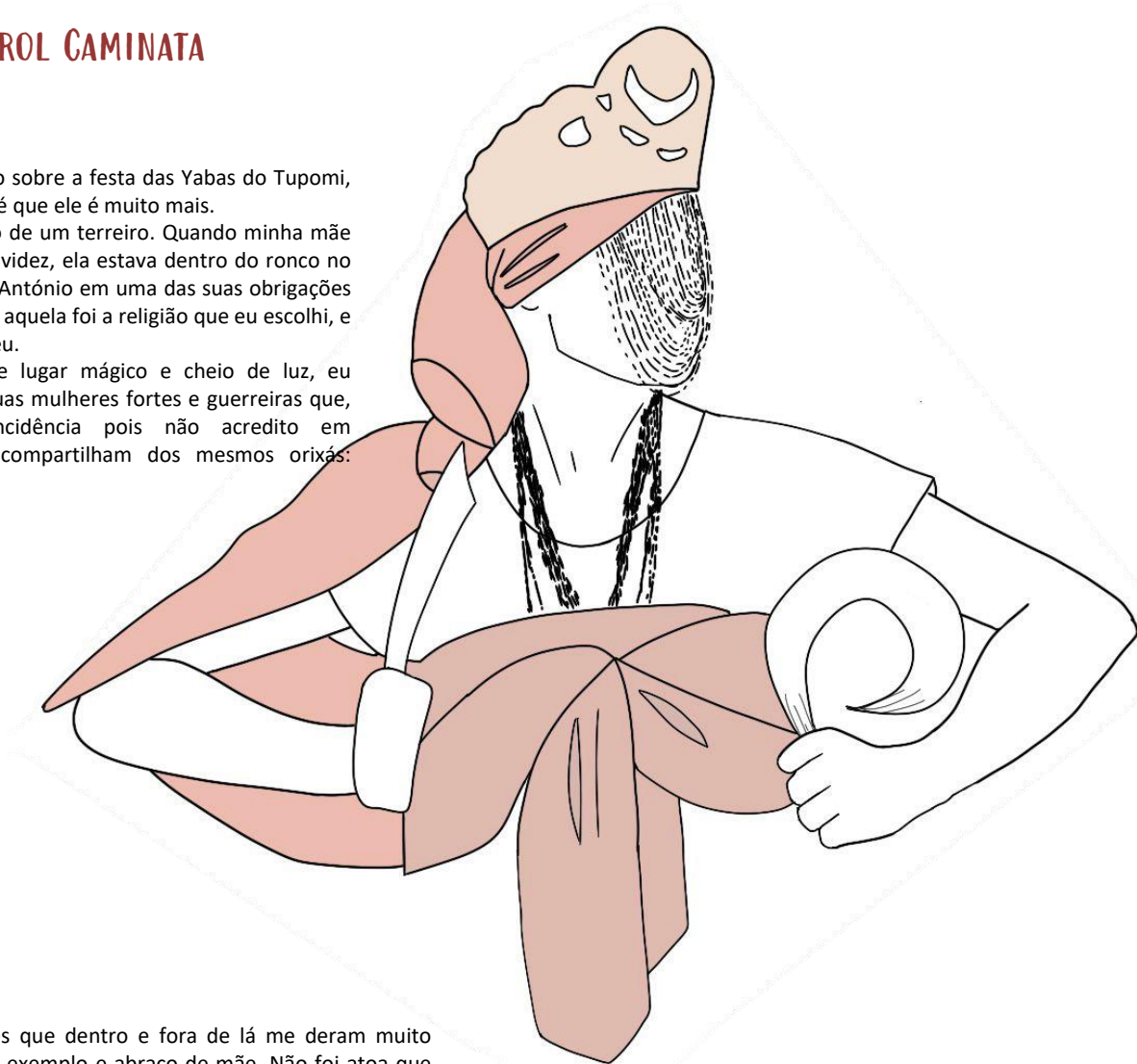
# FESTA DAS IABÁS TUPOMI 2023

— POR CAROL CAMINATA

Este é um texto sobre a festa das Yabas do Tupomi, mas a verdade é que ele é muito mais.

Eu nasci dentro de um terreiro. Quando minha mãe descobriu a gravidez, ela estava dentro do ronco no terreiro do Pai Antônio em uma das suas obrigações e, desde então, aquela foi a religião que eu escolhi, e que me escolheu.

Dentro daquele lugar mágico e cheio de luz, eu cresci vendo duas mulheres fortes e guerreiras que, não por coincidência pois não acredito em coincidências, compartilham dos mesmos orixás: Iansa e Oxalá.



Duas mulheres que dentro e fora de lá me deram muito amor, carinho, exemplo e abraço de mãe. Não foi atoa que eu sempre queria ir vestida igual a minha mãe nas festas que aconteciam no terreiro, ela fazia saia igual para nós duas, colocava faixas na minha cabeça da mesma estampa de seus panos de cabeça, e assim foi minha infância.

Com a mãe Elsa, ou minha tia, mãe, madrinha e várias coisas que a chamo e que ela é para mim, esse período foi menor, pois logo ela voltou a sua terra. Mas dizem que é nos nossos primeiros anos de vida que construímos nosso carácter, construímos nosso ser e firmamos nossas lembranças mais importantes para a construção de quem vamos nos tornar, e foi assim que vendo a Iansã da mãe Sandra e a Iansã da mãe Elsa que eu cresci querendo ser igual, pois para mim, era o melhor e maior exemplo de grandes mulheres que eu tive, e eu não podia ser diferente.

E então, um dia, em alguma gira de Yabas no terreiro do Pai Antônio eu me pus a chorar muito ao cantar para Yemanjá, e me colocaram aos pés de sua imagem. Mais tarde fui ao lado do Pai Antônio e disse, com a voz tremula “mas Pai, eu não sou de Iansã? O que aconteceu?”. E ele, como quem conhece sabe, só bateu no meu ombro e disse “na hora certa, fia”. E realmente eu só fui entender anos depois, dentro de outro quarto de santo, quando fui fazer minha iniciação. Já recolhida, alguns dias me separavam da raspagem e catulagem. Sentamos todos no quarto de santo

e lá recebi a notícia “você não é de Iansã”, olhei para minha mãe e a lágrima escorreu sozinha. Foram inúmeras confirmações e descobertas aquele dia mas a maior foi a que anos atrás o Pai Antônio já sabia, Yemanjá estava comigo.

A partir daquele ano, 2016, Yemanjá veio me trazer bênçãos que eu só entendi também mais a frente. 02/02/2017 tive o primeiro contacto com aquela que tenho conexão de vidas passadas, de alma.

02/02/2019 nasceu Cecília, o maior e mais puro amor que tenho em minha vida, minha sobrinha, quem salvou minha vida e me trouxe as maiores alegrias.

Eu sou mulher de Ogun, raspada e catulada com muito orgulho e asê desse orixá guerreiro, mas cresci no universo das ventanias de Iansã e foi Yemanjá quem sempre me protegeu e me presenteou com minhas maiores bênçãos. Não teria como, então, a festa das Yabas no terreiro da Mãe Elsa não ter sido um momento extremamente forte e emocionante para mim. Ali, vi dois dos grandes pilares da minha vida religiosa (e não só): a Iansã da mãe Elsa, uma das Iansas que me fizeram crescer e querer ser mulher forte e guerreira, e a Yemanjá da Isabella, orixá e mulher que me traz colo, conforto e paz.

Foi lindo, especial e memorável.





# AO FAZER UMA OFERENDA, PENSE NA NATUREZA...

– POR FÁBIO OLIVEIRA

Nós, de religião de matriz africana, afro brasileira, Umbanda, Candomblé e Kimbanda, estamos acostumados a fazer oferendas aos nossos deuses e entidades.

Portanto, quando o fizer, pense no impacto ambiental que isso pode trazer.

Temos que entender que cultuamos as energias e forças da natureza. Esse é o local onde se encontra o ponto de maior força do seu Orixá. Procure sempre pensar em não agredir ou deixar o local com algo que venha a poluir o ambiente.

Existem várias formas de agradecer os seus Orixás ou entidades, com utensílios que a terra pode absorver.

Em vez de colocar a sua oferenda em louças ou tigelas, procure utilizar folhas de bananeira ou até folhas de dracena, que no culto afro também é conhecido como folha de Peregun.

Em vez de garrafas de vidro ou plástico pode entregar a bebida em cuias feitas de casca de cocô ou cabaças. Não deixe frasco de perfumes nos locais, pode utilizar flores perfumadas ou ervas aromáticas que traduzem a essência do orixá.

Os Rebuçados podem ser entregues fora do plástico. Acenda a sua vela, firme seus pedidos no momento da sua oferenda. Depois, não se esqueça de a apagar e leva-la consigo, se quiser pode voltar a acender na sua casa.

Lembre-se que a maior demonstração de gratidão e amor aos orixás é defender e proteger o seu ambiente de culto.

Estamos próximos das festividades em homenagem a Iemanjá portanto, quando for à praia, em vez de garrafas de Champanhe, barquinhos de esferovite ou madeira, pode entregar a Rainha do mar pétalas de rosas com toda a sua fé.

Sejamos conscientes em não perder o propósito e respeito pelo sagrado..



## EGUNGUN – POR LUÍSA CARVALHO

O culto de Egungun veio de África, juntamente com o culto aos Orixás. Estes cultos, foram trazidos pelos escravos negros. Trata-se de um culto muito fechado, muito secreto. Mais secreto, que o culto aos Orixás, isto porque na base deste culto, estão os mortos. Segundo as obras de Juana Elbein dos Santos, antropóloga e coordenadora geral da Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil – SECNEB e foi esposa de Mestre Didi (Deoscóredes Maximiliano dos Santos-Fundador do Ile Asipá, em Piatã, Salvador, Bahia - fundada em 1980, Mestre Didi Axiá, supremo sacerdote do Culto aos egunguns da qual foi presidente) por meio século. A primeira referência a este culto, apareceu em duas linhas escritas por Nina Rodrigues, reportadas a 1896. Contudo, há evidência de alguns terreiros de Culto Egungun, fundados no início do século XIX. Como já referimos, o culto Egungun, nasceu em África, na região de Oyó. Este culto, é exclusivamente praticado por homens, sendo o cargo mais elevado dentro do culto, o Sacerdote Supremo, chamado de Álàpin e os seus auxiliares são chamados de Ojès. Todos os participantes do culto, são os Mariwò. O fundador do culto, Egungun em África, foi Xangô e somente Ele, tem o poder de os controlar. Diz (apenas um trecho) um Itã:

“Em um dia muito importante, em que os homens estavam prestando culto aos ancestrais, com Xangô à frente, as Yamis, fizeram roupas iguais às de Egungun. Vestiram-nas e tentaram assustar os homens que participavam no culto. Todos correram, mas Xangô não o fez, ficou e enfrentou-os, desafiando os supostos espíritos. As Yamis ficaram furiosas com Xangô e juraram vingança. Em um certo momento, em que Xangô estava distraído, atendendo aos seus súbditos, sua filha brincava alegremente, subiu em um pé de Obi e foi aí, que as Yamis atacaram e derrubaram Adubaíni, a filha que Xangô mais adorava. Xangô ficou desesperado, não conseguia mais governar o seu reino, que até então, era muito próspero. Foi até Orunmilá, que lhe disse que as Yamis é que haviam matado a sua filha. Xangô, quis saber o que poderia fazer para ver a sua filha só mais uma vez e Orunmilá lhe disse para trazer oferendas para o Orixá Lou (Oniborum), o guardião da entrada do mundo dos mortos. Assim fez Xangô, seguindo à risca os preceitos de Orunmilá. Xangô conseguiu rever a sua filha e pegou para si, o controlo absoluto dos Egungun (ancestrais). Estando agora sobre o domínio dos homens, este culto e as vestimentas dos Egungun tornaram-se, terminantemente, proibidos para mulheres. Por terem provocado a ira de Olorum, Xangô, Iku e dos próprios Egungun, este foi o preço que as mulheres tiveram que pagar, pela maldade de suas ancestrais, as Yamis.”

O objetivo do culto das Sociedades Egungun, é a criação de rituais para homenagear e louvar homens que foram muito importantes, figuras de destaque para suas comunidades, enquanto vivos. Desta forma, esses homens continuarão presentes nas comunidades e aos olhos dos seus descendentes, de forma privilegiada, exaltando, após a sua morte, a sua individualidade. Estes mortos aparecem de forma visível, porém camuflados, sendo esta a resposta religiosa da vida após a morte e denominada Egun ou Egungun. Só os mortos do sexo masculino fazem aparições, pois só eles têm e mantêm a individualidade. Às mulheres, é-lhes negado tal privilégio, bem como a participação neste culto. Estes Eguns são cultuados em templos e locais específicos, por sacerdotes totalmente diferentes dos que fazem o culto aos Orixás. Embora os sistemas das sociedades sejam diferentes, o conjunto forma uma só religião: A Yorubá.

O Egungun é a volta à terra espiritual e, após a morte, visível aos olhos dos vivos. O Egungun renasce através dos ritos praticados pela comunidade, pelas mãos dos Ojés - Sacerdotes, que são munidos de um instrumento invocatório - um bastão ou vara chamado de Ixan. Este bastão, quando é batido na terra três vezes, acompanhado de algumas palavras e gestos, transforma a morte em vida, assim o Egungun Ancestral Divinizado, volta de novo à vida. A aparição dos Egunguns, é cercada de total e absoluto mistério; diferente do culto aos Orixás, onde o transe acontece durante cerimónias públicas, diante de olhares profanos, fiéis e iniciados. O Egungun, simplesmente aparece no salão, causando impacto visual e usando a surpresa como rito. Aparece com forma humana, totalmente coberto por tiras de roupas muito coloridas, presas no topo da cabeça formando um amontoado de panos ao longo de todo corpo, tornando impossível discernir o quê ou quem está debaixo daquele amontoado de panos. A voz é rouca, gutural inumana, a que chamam sèègi ou sé e que, diz-se estar relacionada com a voz do macaco marrom, chamado de Ijimerê na Nigéria. A tradição religiosa, afirma que debaixo da roupa, está apenas a energia do Ancestral. Mas existe o transe mediúnico pois debaixo de toda aquela roupa está o Mariwo = iniciado no Culto Egungun, que se encontra em transe e foi preparado para representar o Ancestral, pois “devemos” acreditar que Egun está entre os vivos e não se pode negar a sua presença, energética ou mediúnica, uma vez que as suas roupas ali estão e isto é Egun. (...)



# LUZIA PINTA

– POR ALEXANDRE GONÇALVES

Natural de Angola, São Paulo de Luanda, foi escrava de Manuel Lopes Barros, na sua terra natal, até aos 12 anos. Teve a sua primeira experiência com a religião, sendo assim, iniciada. Foi levada para o Brasil por volta de 1712, passou pela Bahia, mas acabou em Sabará, em 1718 onde comprou a sua liberdade, conquistando a sua alforria de João Pinto Dias e Manoel Pinto Dias.

Era conhecida nos arredores de Sabará como curandeira e praticante de Calundu, que no antigo reino do Congo e Ndongo eram chamados de Xinguilas, conhecimento que trouxe consigo de Luanda.

Calundu é uma cerimónia africana que tem como base o uso das ervas para fins medicinais, a ligação com entidades ancestrais, as suas magias e conhecimentos, através dos quais realizava a adivinhação, a cura do corpo e da alma (ou espírito). Era normal o uso de atabaques e rezas, assim como , a defumação. Em alguns tratamentos era comum o uso de menga. A palavra Calundu vem do termo quilundo, usado para definir a possessão de um espírito sobre um ser humano. Por denúncias destas práticas, em 1739, acabou por ser aprisionada pela Igreja Católica, que a lebou a ser julgada por feitiçaria, no Tribunal do Santo Ofício, em Lisboa.

André Mreyra de Carvalho apresentou queixa ao Reverendo Manoel Freyre Batalha, afirmando:

“prejuízo de muitas almas, onde fizera varias orações diabólicas, invocando o demônio, por meio de umas danças, a que [...] chamam de Calundu..”

Em 1741, com cerca de 50 anos Luzia tinha dedicado a sua vida a esta prática, onde para além de comprar a libertação de mais 3 escravos negros Angolanos, a sua prática contribuiu para a ajuda financeira da libertação de outros escravos, sendo uma das pessoas chaves que levou a expansão desta prática em Minas Gerais.

Curiosidade, os 3 ex-escravos após sua libertação ficaram com ela, na sua casa, onde decorriam as práticas de Calundu, sendo que 2 eram Mulheres e o terceiro era um Homem. Eram as mulheres que durante seus rituais tinham a seu cargo “danças” e o homem, o atabaque e rezas. A Casa estava aberta a todos os grupos étnicos e sociais, não distinguindo quem a procurava.

Durante um dos interrogatórios, após ter negado o uso do seu conhecimento para práticas do mal e reintegrado a sua fé católica, acabou condenada a pena de prisão pelo Tribunal da Inquisição. Especula-se que terá morrido aprisionada. Foi enviada para a prisão de Castro Marim por um período de 4 anos, e a partir desta data não há mais informação.

Luzia era crismada pela Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Sabará. Durante tratamentos era comum pedir, pagando, para rezar missas a Santo Antônio e São Gonçalo. Recorria à Virgem Maria quando aplicava os seus remédios. É nesta altura que se dá uma junção entre os Ancestrais e os Santo Católicos.



A Carta de Alforria de Luzia é importante para se contextualizar e compreender a dinâmica da sociedade da altura e o surgimento da prática Afro-Brasileira que temos hoje, e como foi se transmutando no Brasil, sobrevivendo aos ataques da incompreensão. Seu conhecimento das duas realidades, o Calundu e da Religião Católica, permitiu usar conforme precisava para poder alcançar o que desejava, as duas realidades.

Com este testemunho, temos registos da prática do sincretismo que, no século XVII já havia, o que seria hoje o culto aos ancestrais, uma vez que é iniciada com 12 anos, por volta de 1712. O uso dos atabaques, o uso das ervas, o uso da defumação, o transe, a cura, a discriminação religiosa da Igreja Católica, o uso do Axé, a identificação dos cultos como "coisa de Negro". Os Banto foram os primeiros a divulgar os seus cultos e Angola tem uma forte ligação com a origem do culto que leva à tentativa de organização de uma religião. Enfim, muitos temas que dariam um ótimo debate de ideias, de forma a abrir as mentes sobre a Umbanda de hoje, e que Umbanda queremos como uma Universalista.

Mutumbá

# SEM ERVA NÃO TEM AXÉ

– POR MARIA JOÃO SANTOS

Está aí a regra número um nos cultos de origem afro. Se a mata possui uma alma além do mistério esta é a folha, que a mantém viva pela respiração, que a caracteriza pela cor e aparência, que sombreia seu solo permitindo, através do frescor, a propensão à sementeira. “Kosi ewe, kosi Orisa”, diz um velho provérbio nagô: “sem folha não há Orixá”, que pode ser traduzida por “não se pode cultuar orixás sem usar as folhas”, define bem o papel das plantas nos ritos. O termo folha (ewe) tem aqui um duplo sentido, o literal, que se refere àquela parte dos vegetais que todos nós conhecemos, e o figurado, que se refere aos mistérios e encantamentos mais íntimos dos Orixás. Mas o que isto tem a ver com o Orixá? É que o culto aos deuses nagôs se ergue a partir de três ewes: o conhecimento, o trabalho e o prazer, um amálgama de concentração e descontração passível apenas de ser vivido, jamais de ser entendido em sua largueza e profundidade. O ewe do conhecimento é aquele que manipula os vegetais, conhece suas propriedades e as reações que produzem quando se juntam, é também aquele que conhece os encantamentos, sem os quais as energias, para além da química, não se desprendem dos vegetais. O ewe do trabalho é aquele que, na disciplina e aparente banalidade do cotidiano da comunidade de terreiro, vai “catando as folhas” lançadas aqui e ali, pela observação silenciosa e astuciosa, com as quais vai construindo seu próprio conhecimento; sem o mínimo de “folhas” necessárias não se caminha sozinho. Só se dá “folha” a quem é digno e sabe guardar, a quem trabalha, a quem é presente. Só cata “folha” quem tem a sagacidade de entender a linguagem dos olhares. O ewe do prazer é aquele que produz boa comida, boa conversa, boa música e boa dança, todas quatro povoadas de folhas e “folhas” para quem tem olhos de ver. O Orixá só vive se for alimentado, só agradece pela comunhão, só se mostra pela dança, só se apresenta pela alegria da música e só fala por ewe. Sem ewe não se entende os Orixás

## NÃO EXISTE ORISÁ SEM FORÇA DA NATUREZA.

Falar das folhas no culto afro-brasileiro é muito complexo, pois nas diversas nações que existem dentro do culto, as folhas recebem nomes e funções diferentes. As folhas de determinado orixá entram também no culto de outro, pois existem combinações de folhas de um orixá para o outro. A nomenclatura das folhas, tanto em português quanto em yorubá, varia muito, mas vamos destacar os nomes mais populares. Os pajés utilizavam ervas medicinais e rezas para afastar maus espíritos, esta prática tornou-se cada vez mais usual, porém com o aumento da população, os Portugueses começaram a enviar mais missionários e médicos para interromper estas práticas, e a população começou a procurar os pajés em menor frequência e as escondidas. Muitas mulheres desta época se interessaram pelas ervas medicinais que os pajés utilizavam, e por não conhecer as rezas que eles faziam misturavam rezas de santos Católicos com estas ervas criando-se assim as famosas rezadeiras e curandeiras do Brasil. Por isso que a influência indígena é tão forte na Umbanda, com seus Caboclos, entidades representantes destes índios que aqui estavam quando os colonizadores chegaram. Existem diversas folhas com diversas finalidades e combinações, nomes e considerações dos nomes, fato que muito impressiona a quem as manipulam dentro de Axé. Temos que ter muita consciência de como usá-las para que não sejamos pegos de surpresa por energias que são

invocadas quando a maceramos, quando colocamos o sumo da Erva em contato com nosso corpo, quando a colhemos. Porém folha é para trazer energias boas e positivas, tirar energias ruins e malélicas em muitos casos, trazer resposta de algo se é necessário para o individuo que a usa. As plantas são usadas para lavar e sacralizar os objetos rituais, para purificar a cabeça e o corpo dos sacerdotes nas etapas iniciáticas, para curar as doenças e afastar males de todas as origens. Mas a folha ritual não é simplesmente a que está na natureza, mas aquela que sofre o poder transformador operado pela intervenção de Ossãe, cujas rezas e encantamentos proferidos pelo devoto propiciam a liberação do axé nelas contido. Há algumas décadas a floresta fazia parte do cenário e as folhas estavam todas disponíveis para colheita e sacralização. Com a urbanização, o mato rareou nas cidades, obrigando os devotos a manter pequenos jardins e hortas para o cultivo das ervas sagradas ou então se deslocar para sítios afastados, onde as plantas podem crescer livremente. Com o passar do tempo, novas especializações foram surgindo no âmbito da religião e hoje as plantas rituais podem ser adquiridas em feiras comuns de abastecimento e nos estabelecimentos que comercializam material de culto. Bem longe da natureza. O elemento vegetal é muito importante para a manutenção e equilíbrio dos seres vivos. Através de processos variados os vegetais retiram o Prana da natureza, seja através do Sol, da Lua, dos planetas, da terra, da água, etc. São, portanto, grandes reservas de éter vital e que através dos tempos, o ser humano, descobriu estas propriedades. Usamos os vegetais, desde a alimentação até a magia, sempre transformando a energia vital, através de processos e rituais.

Os vegetais são diretamente influenciados pela natureza. Os corpos celestes são a concretização de certas Linhas de Forças de um determinado Orixá, assim, por extensão, temos ervas de determinado Orixá.







# PARABÉNS ESCOLA DE CURIMBA CABOCLO TUPINAMBÁ!

– POR DIOGO SANTOS

Parabéns Escola de Curimba Caboclo Tupinambá!

Ao longo dos anos, a Escola tem desempenhado um papel fundamental no crescimento da corrente mediúnica associada a ela, com a sua abordagem inclusiva e tolerante. Todas as sessões criam sempre um ambiente propício para o desenvolvimento de todos os que nela participam, permitindo que cada um explore suas habilidades de maneira autêntica e significativa.

Além do aspeto espiritual, a Escola é um catalisador para o crescimento pessoal e comunitário de todo o Tupomi. Esta celebração é mais do que um marco temporal, é um testemunho do comprometimento e persistência do Pai Diogo em relação a toda a corrente e membros da nossa comunidade. É o momento de refletir sobre as muitas conquistas, expressar gratidão pelos ensinamentos recebidos e renovar o compromisso de servir os nossos guias em todos os rituais.

Toda a curimba do Tupomi é muita grata pelos ensinamentos em todos os rituais, mas principalmente pelos momentos vividos durante as sessões da Escola, que nem toda a gente

tem acesso, e que transmitem conhecimento sobre temas não abordados quer seja na Internet, redes sociais, enfim, sabedoria que se transmite de boca em boca e não “face to face”.

Toda a celebração em torno da Escola no passado dia 4 de Novembro foi muito gratificante para todos nós na curimba pelos vários motivos que já mencionei e esperamos continuar a honrar os nossos guias com a dedicação e compromisso, tanto nos rituais como fora deles.

Ninguém sabe o dia de amanhã, mas diria que o futuro da Escola é risonho e se continuarmos com o compromisso e entreatura que demonstramos, faremos coisas ainda mais memoráveis que daqui a mais alguns anos veremos como feitos tão ou ainda maiores dos que já foram feitos até hoje.

Resta apenas, deixar mais uma vez, e sem me cansar de repetir, uma palavra de agradecimento por tudo o que foi feito até hoje por todos os responsáveis do Tupomi em relação à Escola de Curimba Caboclo Tupinambá que sempre transmite aos seus membros, o tão valioso conhecimento e valores importantes para a caminhada espiritual de cada um.



Estava na beira do rio  
Sem poder atravessar  
Chamei pelo caboclo  
Caboclo Tupinambá  
Estava na beira do rio  
Sem poder atravessar  
Chamei pelo caboclo  
Caboclo Tupinambá  
Tupinambá chamei  
Chamei, tornei chamar ê á  
Tupinambá chamei  
Chamei, tornei chamar ê á

Axé e salve o caboclo Tupinambá !

**ESTAMOS NA WEB!  
WWW. TUPOMI. PT**

TUPOMI

Tel: 916 813 819

Correio eletrónico:  
geral@tupomi.pt

Coordenação e Edição:

José Artur Conde

José Diogo Conde

Alexandra Rocha

Andreia Paula

Carla Sónia

Isabella Porto

Luísa Carvalho

Maria João Santos

Fábio Oliveira

Alexandre Gonçalves

João Silva